

Referentes judaicos em *A hora da estrela*: uma visada cabalística

Jewish References in *A hora da estrela*: a Cabalistic Viewpoint

Katya Queiroz Alencar*

Resumo: Este artigo discute os referentes judaico-cabalísticos em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, a partir de metáforas cabalístico-interpretativas construídas a partir do processo cosmogônico luriânico: *Tzimtizum*, *Sheviráh* e *Tikún*, abordado por Harold Bloom no livro *Cabala e crítica*. Para tanto, tomamos algumas passagens de *A hora da estrela* que foram recortadas e analisadas sob o prisma dessas metáforas, a fim de demonstrar, apesar da resistência de Lispector, um traço do matiz judaico-cabalístico na arquitetura de sua literatura, no caso, *A hora da estrela*.

Palavras-chave: Literatura. Cabala. Clarice Lispector.

Abstract: This article discusses the Jewish-Kabbalistic references in *A hora da estrela*, by Clarice Lispector, from interpretative-Kabbalistic metaphors built by the Lurianic cosmogonic process: *Tzimtizum*, *Shevirah* and *Tikkun*, treated by Harold Bloom in his book *Kabbalah and criticism*. In order to accomplish that, we take a few excerpts from *A hora da estrela* that were extracted and analyzed in light of these metaphors, in order to demonstrate, despite Lispector's resistance, vestiges of the Jewish-Kabbalistic tone in the architecture of her literature, in this case, *A hora da estrela*.

Keywords: Literature. Kabbalah. Clarice Lispector.

Introdução

Este artigo nasceu nos estudos realizados para a elaboração de minha dissertação de Mestrado. E, como tal, tem por objetivo básico discutir e identificar em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, referentes metafórico-interpretativos construídos a partir de imagens da Cabala Moderna, criada entre 1534 e 1570 por Isaac Ben Solomon Luria e reinterpretadas como operadores de leitura em 1975, em *Cabala e Crítica*, por Harold Bloom. Para tanto, o artigo também se fundamentará em considerações de críticos e biógrafos que tratam da ascendência judaica de Lispector, bem como de sua pulsão literária pelo tema cosmogônico.

A hora da estrela, publicado em outubro de 1977, foi escrita no momento em que Lispector lutava com um câncer de ovário, finalizando juntamente com o livro *Um sopro de vida: pulsações* (1978) as suas últimas produções literárias. A escritora morreu dois meses após a publicação da novela, classificação mais aceita pela crítica, em função de seu enredo considerado muito simplista. *A hora da estrela*, segundo Nádia Battella Gotlib em *Clarice: uma vida que se conta*, foi escrito "no final do percurso — nos últimos anos de vida" (GOTLIB, 1995, p. 465). A história conta as aventuras e desventuras de Macabéa, uma nordestina que migra de Alagoas para a cidade do Rio de Janeiro, onde vive ou sobrevive insossamente e, por fim, morre atropelada por um Mercedes-Benz. Os temas circundantes sobre a vida e a morte configuram-se como reflexões que ora acendem-se, ora apagam-se na arquitetura narrativa, como elementos articuladores de um processo especulativo existencial mais complexo.

É importante salientar que, apesar de não permitir em vida ser categorizada como uma escritora judaica e muito menos cabalista, Lispector revelou em sua literatura, como afirmam alguns de seus críticos, traços da tradição da qual ela ascende, sendo um deles a pulsão por investigar os mistérios da criação.

Conforme o biógrafo da escritora, Benjamim Moser, no livro *Clarice*, (2009, p. 57-93), o interesse de Lispector pelo implícito pode estar associado à sua origem judaica. Moser inclusive afirma sobre a prosa da escritora, citando a fala do crítico português Carlos Mendes de Souza, que: "A questão da origem é tão obsessiva que em torno dela pode dizer-se que se enreda toda a prosa da autora" (SOUZA, 2000, p. 164 *apud* MOSER, 2009, p. 22).¹ Essa pulsão, segundo Moser, corrobora com a tradição judaica, de onde a escritora ascende: Clarice Lispector — cujo nome oficial era Chaya, que em hebraico significa "vida" — nasceu na Ucrânia em 1920, dentro de uma família judaica, mudou-se com seus pais e irmãs para o Brasil ainda muito pequena e recebeu, durante a infância, dentre outras, uma educação familiar tipicamente judaica.

Berta Waldman, em *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea* (2003, p. 30), também aborda o assunto ao salientar que a escritura e o modo de ser judaico de Lispector são associados pelas interdições bíblicas, que em sua literatura são meios para tentar delimitar o que não tem limites, interligar presente e passado e representar sentidos absolutos que se exilam continuamente. Waldman (2003, p. 44) afirma que a busca de Lispector é pelo neutro, pela pulsão de vida primária que ela procura atingir a partir dos limites do dia-a-dia.

Já Nelson Vieira, outro crítico de Lispector, em *Jewish Voices in Brazilian Literature: A Prophetic Discourse of Alterity*, cuja tradução é *Vozes judaicas na literatura brasileira: um discurso profético da alteridade* (1995, p. 122), afirma que, mesmo contrariando a vontade de Lispector quanto à sua categorização como escritora judaica, é perceptível que a estética da produção literária clariceana traz resquícios dessa cultura, reveladas em suas temáticas, bem como em sua personalidade intimista, que lhe deu o rótulo de estrangeira: mulher fugidia em perene exílio de si mesma pela sua genialidade, originalidade e imprevisibilidade insuportável. Vieira (1995, p. 132) associa ainda o estilo literário de Lispector às características da cultura hebraica. Uma delas ele classifica como sendo a sensibilidade da linguagem bíblica, que recorrentemente é exercitada por Lispector, tal como a reinterpretação, indeterminação e buscas ontológicas não completas.

A perceptível recorrência de temas cosmogônicos, existenciais e ontológicos na literatura clariceana, percebida, sobretudo, pelos seus críticos, estabelece interseções com as buscas dos cabalistas pelo tema da origem da vida — sendo possível inclusive identificar referentes metafóricos no texto clariceano que podem ser associados a preceitos e mitos da tradição da Cabala.

Conforme Harold Bloom, em *Cabala e Crítica* (1991, p. 25), o termo *Cabala*, desde o ano de 1200, é aceito principalmente pelos judeus como o conjunto da Lei Oral que se refere aos "ensinamentos esotéricos judaicos relativos a Deus e a tudo que Ele criou" (BLOOM, 1991, p. 25), sendo considerado, portanto, uma ramificação da teologia judaica. Para os cabalistas, as revelações sobre os mistérios da criação encontram-se disseminadas em narrativas das Escrituras Sagradas que precisam ser reinterpretadas, desvendadas e especuladas.

Maria Clara Castellões de Oliveira, em sua tese de doutoramento intitulada *O pensamento tradutório judaico: Franz Rosenzweig em diálogo com Benjamin, Derrida e Haroldo de Campos* (2000, p. 13), comenta sobre os objetivos dos estudos cabalísticos: "o objetivo central da Cabala "[...] é o de esmiuçar o que havia de oculto na história da criação do mundo, tal como relatada pela lei de Deus [...]" (OLIVEIRA, 2000, p. 13). Para Oliveira: "Os primeiros cabalistas interessaram-se em perscrutar a natureza da criação e dessa forma a origem do homem, pois acreditavam que somente agindo de tal maneira poderiam aprender, cada um por seus próprios meios, o caminho de volta ao seu lar interior e alcançar a redenção" (OLIVEIRA, 2000, p. 13).

É possível perceber traços especulativos sobre a origem e o fim da existência disseminados na narrativa em *A hora da estrela*, destacados, sobretudo pelo tema da cosmogonia, quando o heterônimo

de Lispector, Rodrigo S. M., afirma: "Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida" (LISPECTOR, 1981, p. 15). O tema da vida nessa perspectiva, portanto, vem relacionar-se com a palavra, assim como para os cabalistas, que a incluem na contingente narrativa da Criação. Em outra afirmativa do narrador, a existência não somente se iniciou com a palavra, como também se perpetua por meio de narrativas: "Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou" (LISPECTOR, 1981, p. 15). As palavras e a narrativa, para Lispector em *A hora de estrela*, se mostram como categorias que, ao que tudo indica, fundam o processo de criação da vida.

Ler criticamente *A hora da estrela* pela metáfora cabalística luriânica, ou por meio de uma tradição judaica, é uma possibilidade de análise literária que estabelece um diálogo entre presente e passado, contextualizando traços da tradição por um viés do presente. Essa é uma tendência crítica apontada por Silviano Santiago em *Nas malhas das letras* como uma forma de perceber a marca da tradição na modernidade, ou seja, da memória que se estabelece no tempo "do agora, uma vez que o passado e a tradição começam a entrar na construção do presente" (SANTIAGO, 1996, p. 100).

Para demonstrar essa perspectiva da tradição dialogando com a modernidade em *A hora da estrela*, as interrelações entre a Cabala e a metáfora de interpretação, realizadas por Bloom, foram adotadas como operadores de leitura a nortear criticamente a análise da obra. E, visando uma melhor fundamentação sobre a cultura judaica, um breve histórico da Cabala foi apresentado, especificamente sobre as narrativas míticas da Cabala luriânica, visando informar sobre os processos cabalístico-cosmogônico descritos e nomeados pelos cabalistas como: *Tzimtzum*, *Sheviráh* e *Tikún*. Em seguida, numa perspectiva da crítica literária de Bloom, possíveis traços desses referentes cosmogônicos defendidos pelos cabalistas foram identificados metafórico-interpretativamente relacionando-se com o *corpus* literário em estudo.

1 Desenvolvimento /Fundamentação teórica

1.1 Cabala, Interpretação e Crítica literária

Harold Bloom escreveu, em 1975, *Cabala e crítica*, terceiro livro de uma tetralogia¹ em que discutiu as "vicissitudes da influência" (BLOOM, 1991, p.14), ou seja, verificou o quanto um texto pode contaminar um outro texto pelo matiz de seus relacionamentos figurativos, temporais, espirituais e psicológicos. A tetralogia da influência de Bloom compreende os livros: *Angústia da influência* (1973), *Um mapa da desleitura* (1975), *Cabala e crítica* (1975) e *Poesia e repressão* (1976).

Em *Cabala e crítica*, Bloom, baseando-se no livro intitulado *Kabbalah*, publicado por Gershom Scholem em 1971, procurou discutir a Cabala não como uma teologia judaica, mas como tradição transformada pela leitura. Assim, para Bloom (1991, p. 14), Cabala significa "'tradição da tradição'" (BLOOM, 1991, p. 14), particularmente no sentido de recepção. Desse modo, a tradição mística da Cabala se torna para Bloom um operador teórico, assim as modificações do código literário para o crítico passam a ser um processo de apropriação e desapropriação possível entre as obras literárias. Nesse sentido, ele defende que é a interpretação que dá significado à obra. Bloom (1991, p. 14), em função disso, pôde advogar a premissa de que "um texto é a leitura de outro texto é uma leitura de outro texto" (BLOOM, 1991, p. 14).

Para esse crítico (1991, p. 14-15), o significado de um poema está nas relações entre poemas, uma vez que existem "padrões de interrelação entre significados figurativos e literais num texto literário" (BLOOM, 1991, p. 15). O modelo cabalístico da Criação para o pesquisador (1991, p. 15) pode ser

comparado à origem do poema, e para ele os dois se tornam comuns pela forte presença de uma luta contra o que lhe é anterior, ou seja, quando o passado quer se tornar a própria criação no presente. Desse modo, a Cabala serve para o crítico como uma psicologia, ou melhor, como uma retórica da tardividade. O termo "tardividade" para Bloom foi elaborado para designar a condição "que um texto se vê colhido nos tropos, defesas e razões revisionárias fazendo a história da literatura" (BLOOM, 1991, p. 15). Assim sendo, a psicologia da tardividade é o resultado do processo revisionista em que o poeta forte recusa-se ser aquele que chegou depois.

Para comprovar esse pensamento e desenvolver a sua teoria dos três estágios para a formação de um poema, Bloom faz um breve, porém importante estudo sobre a Cabala judaica, principalmente sobre o processo cosmogônico luriânico: *Tzimtizum*, *Sheviráh*, *Tikún*. Inspirando-se nas três etapas do processo cosmogônico da Cabala luriânica, o crítico americano cria uma teoria que explica os estágios heurísticos para o estudo da formação de um poema a partir de outro ou de outros. Ele chama esses estágios de limitação, substituição e representação (BLOOM, 1991, p. 15) e, para chegar a essa proposição, se embasa na tradição cabalística, principalmente naquela que narra a origem da Criação, defendida entre outros por Isaac Ben Solomon Luria. A Cabala, desse modo, torna-se para Bloom (1991, p. 56) um modo de especulação intelectual praticada inicialmente pelo povo judeu e que ele classifica muito mais como mítica do que como mística.

1.2 Cabala, História e Imagens

O tema da Criação — primeiro capítulo do livro do *Gênesis* — conforme Bloom (1991, p. 31) constitui, para os judeus, a principal discussão teológica dos cabalistas. Ele defende que por quase quatro séculos muitos judeus privilegiaram, especificamente, estudos cabalísticos das Escrituras Sagradas. No período de 1200 a 1492, os judeus cabalistas exercitaram a Cabala Clássica. A Cabala Moderna, que deu prosseguimento à Clássica, foi iniciada no século XIV (1522-1570) por Moisés Codovero. Esse cabalista teve por objetivo promover um revisionismo da Cabala ortodoxa a partir do *Zohar*, livro publicado pela Cabala Clássica e considerado até então a bíblia dos cabalistas. O revisionismo de Codovero do *Zohar*, segundo Bloom (1991, p. 45), ocorreu em função da necessidade das massas de judeus sofrendores que foram expulsos da Espanha em 1492. Nesse contexto, muitos judeus exilados necessitaram de uma fé mais imediata e empírica do que aquela oferecida pela força da tradição ortodoxa.

Entretanto, foi o discípulo de Codovero, Isaac Ben Solomon Luria que, conforme Bloom, fez com que a Cabala deixasse de ser uma atividade esotérica judaica e se popularizasse até mesmo como uma religião. Ele, em sua originalidade, destituiu a visão ortodoxa da Cabala — que descrevia a Criação como um processo que vem de Deus pelas *Sefirót* e que se move em uma única direção em progresso — para um movimento em que cada estágio se conecta ao estágio anterior:

Para Bloom, segundo a Cabala, "As *Sefirót* são figurações complexas de Deus, tropos — torções de linguagem — que substituem Deus. Pode-se dizer que as *Sefirót* são como poemas, visto que são nomes que geram complexos comentários, os quais, por sua vez, transformam-se em textos" (BLOOM, 1991, p. 35). Ele afirma ainda que: "Os *Sefirót* para os cabalistas são como dez complexas imagens de Deus em seu processo de criação, onde cada esfera — *Sefiráh* — é percorrida por uma ação recíproca entre o sentido literal e o figurado" (BLOOM, 1991, p. 36).

Ainda conforme Bloom (1991, p. 36-37), a ordenação das *Sefirót* na árvore cabalística é: 1. *Kéter Elyon* ou *Kéter* (a suprema coroa), 2. *Hohmáh* (sabedoria), 3. *Bináh* (inteligência), 4. *Gueduláh* (grandeza) ou *Héssed* (amor), 5. *Guevuráh* (poder) ou *Din* (julgamento ou rigor), 6. *Tiféret* (beleza) ou *Rahamin* (misericórdia), 7. *Netzáh* (vitória ou permanência duradoura), 8. *Hód* (majestade), 9. *Yesód* (fundamento) e 10. *Malhut* (realeza).

Nessa perspectiva cabalística, a criação se relaciona com o movimento dos *Sefirót* que lhe imprime o sentido. O conceito de realidade para Luria acontecia sempre pelo movimento de contração — Deus abre um espaço para a Criação —, denominado *Tzimtzum*; de separação — *quebra dos vasos* —, chamado de *Sheviráh*; e de reagregação — restauração dos vasos quebrados —, designado por *Tikún*. Do movimento de contração foi criado o *Kelin*, vasos, cuja culminância foi o *Adam Kadmon*, o homem primeiro.

Reza a narrativa cabalística que, no processo da Criação, seis *Sefiráh* se romperam pela luz intensa de Deus, e surgiu o movimento da separação ou quebra de vasos. A quebra aconteceu porque o nome de Deus era forte demais para suas palavras. Segundo Bloom (1991, p. 50), a quebra dos vasos se tornou um ato divino de substituição. Desde então, o processo salvador de restituição dos vasos quebrados para os cabalistas é uma luta humana que deve ser realizada pelos atos religiosos de meditação de todos os judeus em exílio. Luria via o exílio como uma condição universal da existência humana. Desse modo, os judeus cabalistas se sentiram na responsabilidade de restituir a Criação ou recompor os vasos quebrados através de atos que os elevariam.

2 A análise do corpus: ressonâncias de imagens cabalísticas luriânicas em *A hora da estrela*

A partir de metáforas cabalístico-interpretativas construídas pelo processo cosmogônico luriânico: *Tzimtzum*, *Sheviráh* e *Tikún*, abordado por Bloom no livro *Cabala e crítica*, discutiremos os referentes judaico-cabalísticos em *A hora da estrela* como uma possibilidade de leitura crítico-literária. Para tanto, vamos separar em fases esses referentes cabalísticos e articulá-los analiticamente à narrativa da novela clariceana. É importante salientar que, para este estudo, o termo metáfora será empregado em sua concepção retórica como um tropo linguístico em que opostos interagem a partir de características comuns.

2.1 *Tzimtzum*: A contração da Criação

A contração cabalística da Criação em *A hora da estrela*, denominada *Tzimtzum* na visão luriânica, corresponde literariamente ao pseudo-ocultamento de Clarice Lispector, que elege inicialmente Rodrigo S. M. o seu co-narrador na novela. Ao que tudo indica, ao fazer isso, Lispector cria uma espécie de *Adam Kadmon* clariceano. O próprio narrador Rodrigo S. M. declara narrativamente a sua legitimação para escrever a história, uma legitimação que vem da concessão subliminar que a autora lhe atribui por ele ser homem e não chorar: "Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas" (LISPECTOR, 1981, p. 18).

Essa estratégia especular de Lispector na instituição do narrador da novela se assemelha à postura do Deus luriânico que se auto-oculta, como se prendesse a respiração, abrindo um espaço para o processo criacionista do mundo que deverá ser feito por "um não-Deus" (BLOOM, 1991, p. 49), ou seja, no caso de *A hora da estrela*, por outro escritor. A função desse co-criador de Lispector seria, assim, escrever uma história de uma nordestina que se chamará Macabéa e a quem ele dará vida no mundo ficcional. E, para realizar essa tarefa, é possível correlacionar Rodrigo S. M. ao *Adam Kadmon* da cosmogonia de Luria. Desse modo, Rodrigo S. M., assim como o *Adam Kadmon*, inicia uma guerra de duas luzes, sendo que na perspectiva cabalística uma é vinda de Deus, o *Yod*, e outra é originária do resíduo divino que surge dessa luta, denominado *Tehiru*. Em *A hora da estrela*, essa luta de duas luzes acontece pela própria especulação metalinguística da Criação no início do romance, atravessada por duas proposições "pensar como ato" e "sentir como fato" (LISPECTOR, 1981, p. 15). Esse é um paradoxo que se ergue entre a palavra e a vida, ou seja, entre a linguagem/pensamento (ato) e a existência (fato). O próprio Rodrigo S. M. questiona na narrativa de *A hora da estrela*: "O fato é um ato?" (LISPECTOR, 1981, p. 21) "ou será mesmo que a ação ultrapassa a palavra?" (LISPECTOR, 1981, p. 22). Ao fazer isso, o narrador reflete as possibilidades da (cri)ação em *A hora da estrela* e, assim como o *Adam*

Kadmon cabalístico, usa um padrão de escrita, que no caso do *corpus* em estudo, é o literário, a fim de criar uma nova vida, um novo *vaso de criação*: a da moça chamada Macabéa.

Nesse viés analítico, o que vem de Deus ou do autor, o *Yod* cabalístico, corresponderia em *A hora da estrela* à ação de pensamento e criação da vida de Macabéa, e o *Tehíru* — resíduo divino cabalístico — se assemelharia na narrativa clariceana à linguagem usada por Lispector para criar a história. Essa linguagem, na perspectiva da Cabala, seria como os resíduos da perfeição que caíram no mundo humano e, de alguma forma, se prestaram como representação de uma ideia ou de um pensamento.

Além disso, nota-se que em *A hora da estrela* há a instituição de um jogo dramático de identidades entre Lispector e Rodrigo S. M., o que possibilita eleger uma correlação possível entre o Deus luriânico cabalístico e o *Adam Kadmon*, uma vez que, em ambos os casos, tanto na narrativa cabalística como em *A hora da estrela*, o processo de Criação acontece pela autoria de duas pessoas, sendo que uma delas é a projeção da outra. E assim, as criaturas projetadas tanto pelo Deus de Luria quanto por Lispector usam um meio comum: a linguagem como ferramenta que registra a ideia de princípio originário da vida, tanto do mundo idealizado pela Cabala quanto daquele ficcional literário criado por Lispector em *A hora da estrela*.

2.2 *Sheviráh*: A escrita autodilacerada clariceana

Do paradoxo erguido pelo jogo de identidades e também pela luta entre fato e ato no processo de criação de *A hora da estrela*, surge o movimento do *Sheviráh*. Assim, o processo de criação de *A hora da estrela* não é pacífico, ele é caótico, porque a palavra para Lispector é insuficiente na apreensão do que ela designa como coisa ou mundo factual. E, diante dessa incapacidade mimética da linguagem, a escritura clariceana se torna autodilacerada, dolorosa, e as palavras se tornam, segundo o próprio narrador Rodrigo S. M., como sons transfundidos de sombras:

As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ousou clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contrato o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem bola (LISPECTOR, 1981, p. 21).

A impossibilidade de alcançar o domínio da representação por meio dos signos linguísticos faz com que Rodrigo S. M. especule metalinguisticamente, na narrativa da obra, o modo de uso das palavras para melhor exprimir as suas ideias e, em função disso, nota-se que ele recorre a outros textos que são consignados em seu próprio texto. Dessa forma, a narrativa de *A hora da estrela* se apresenta como um tecido textual intrincado por vozes e textos que se dialogam em camadas narrativas: a história da nordestina Macabéa, do narrador Rodrigo S. M. e do processo de criação. Metaforicamente, esse autodilaceramento escritural de Lispector abre fissuras no plano de significados que se estende além do limite da própria narrativa de Macabéa — um movimento estético de sobreposições de narrativas, intertextos, que intercambiam sentidos e que, para o presente estudo, pode ser lido, em correspondência cabalística, como o *Sheviráh*: a criação da vida de Macabéa. Nessa perspectiva, o movimento de criação para Rodrigo S. M. se torna um processo linguístico traumático, assim como indica Rodrigo S. M.: "[...] preciso falar dessa nordestina senão sufoco" (LISPECTOR, 1981, p. 22). Desse modo, é possível dizer que criar uma narrativa para Rodrigo S. M. é como se fosse um momento de caótico de explosão, ou mesmo, como se refere a tradição mítica da Cabala, uma quebra de vasos.

Segundo Bloom (1991, p. 50), a cosmogonia luriânica aponta que a *Sheviráh* foi causada pela força do impacto violento da luz, o que pode ser interpretado como sendo a energia de uma escrita muito forte. É como se o nome de Deus fosse forte demais para as suas palavras, e, em função disso, a quebra de vasos do mito luriânico se tornaria um ato divino de substituição, em que um modelo original cederia o seu lugar a um mais caótico — mas, ainda assim, modelo. Nesse processo de separação entre o divino e o humano, Bloom afirma ainda que (1991, p. 50) as forças residuais de Deus caíram no abismo, dando origem às forças malignas denominadas pela Cabala como *Kelipó*. E dessa ação da quebra dos vasos instaurada na Terra surgiu a dualidade bem e mal, defendida, sobretudo pela Cabala luriânica.

Por fim, nota-se que há uma preocupação do narrador-escritor, Rodrigo S. M., em manter na narrativa uma postura ética ao usar seu instrumento de trabalho: a palavra. Ele se preocupa em privilegiar "a palavra que nomeia" e não aquela que apenas enfeita e pouco sentido oferece: "não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela" (LISPECTOR, 1981, p. 25). E afirma que para cada coisa há uma representação sgnica: "Mas ao escrever — que o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra" (LISPECTOR, 1981, p. 25). Essa preocupação de Lispector de apreender uma escritura que parece exilar os sentidos a cada inscrição é o trauma da linguagem clariceana em *A hora da estrela*, ou seja, um tipo de "quebra de vasos" luriânico.

Por essa análise, é possível dizer que o mundo literário clariceano em *A hora da estrela* é uma procura pela palavra primeira e que, por isso, se inscreve no próprio caos da linguagem, nas frestas das mesmas, nos silêncios deixados pela sintaxe fragmentada, pelos verbos que viram substantivos e pelo confronto de vozes que surgem, muitas vezes, por fragmentos intertextuais bíblicos transcontextualizados. Os intertextos aparecem quando Rodrigo S. M. corta o tempo linear da narrativa com comentários tais como: "[...] desde Moisés se sabe que a palavra é divina" (LISPECTOR, 1981, p. 25) ou "Estou passando por um pequeno inferno com esta história. Queiram os deuses que eu nunca descreva o lázaro porque senão eu me cobriria de lepra" (LISPECTOR, 1981, p. 25). Fragmentos como esses fazem com que passado e futuro se conectem no romance, e o tempo linear da narrativa da trajetória de Macabéa seja entrelaçado pelo tempo mítico ao trazer para o romance resquícios de textos bíblicos. A quebra dos vasos cabalísticos na narrativa é, pois, as muitas possibilidades de leituras que a novela pode oferecer em função de sua linguagem e de sua estética literária.

2.3 *Tikun*: A busca pelo sentido

Conforme o mito cabalístico luriânico, foi por causa do *Sheviráh* que o mundo humano foi criado com os valores da separação, da dualidade, sendo que o universo e a natureza humana estão em um estado "caído" devido ao poder de separação. Para corrigir essa situação e tentar desfazer o dano, é preciso que ações humanas procurem o efeito de unificar o que é antinatural separar. A verdadeira unidade de Deus não pode ser alcançada pelas obras do homem. Nesse sentido, Deus depende de ações do homem. A essa ação, a Cabala chama de *Tikún*, e o judaísmo clássico, de redenção. O *Tikún* clariceano acontece no texto de *A hora da estrela* pela busca dos sentidos ou por respostas que a própria Lispector solicita do leitor para finalizar o seu livro: "Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que alguém no mundo ma dê. Vós?" (LISPECTOR, 1981, p. 8).

A linguagem para Lispector indica ser o meio pelo qual ela investiga suas respostas e tenta, como na Cabala, a busca pela reconstrução dos sentidos que estão além da palavra inscrita no mundo. A própria Lispector afirma isso na Dedicatória do Autor (Na verdade Clarice Lispector): "Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever" (LISPECTOR, 1981, p. 7). Paradoxalmente, escrever para a autora é um ritual de meditação, cuja principal busca é o silêncio, e não a palavra que lhe atrapalha a vida:

[...] que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditação não precisa ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever (LISPECTOR, 1981, p. 7).

Nessa perspectiva, a forma mais direta e concreta para a autora atingir o sentido pleno das coisas está no silêncio, ou seja, na "não-linguagem". É como se o silêncio neutralizasse os ruídos das coisas, impedindo uma visão mais precisa dos fatos. Ela chega a comparar o silêncio ao estado divino, quando o seu narrador diz na novela: "Silêncio. Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa" (LISPECTOR, 1981, p. 103). Desse modo, para Lispector o silêncio pode ser lido como um meio pelo qual ela tenta chegar à compreensão de um mistério ao ampliar a sua percepção sobre as representações. Essa pulsão clariceana pelo valor positivo do silêncio no romance corresponde, em nossa análise, à restituição dos vasos quebrados da Cabala luriânica, ou seja, à busca de uma redenção judaica que possa visualizar a completude da palavra primeira.

Uma busca certamente fracassada, pois, ao finalizar a narrativa, Lispector mostra essa impossibilidade, quando sinaliza a continuidade do processo criador, deixando a pista de que a palavra "sim" que inicia o romance é o mesmo "sim" que o finaliza, como a imagem circular da *Sefiráh* cabalística. Assim, haveria em *A hora da estrela* uma tentativa fracassada de Lispector pela busca do *Tikún*, ou seja, pela volta ao estado primeiro da Criação, onde ainda não existia a separação, garantia de que a linguagem e os sentidos estivessem unificados. Nessa visão hipotética, a ausência da palavra não significaria a ausência da representação e da possibilidade da vida, porque a existência em si mesma se basta.

Conclusão

Discutir os referentes judaico-cabalísticos em *A hora da estrela* a partir de metáforas cabalístico-interpretativas construídas pelo processo cosmogônico luriânico: *Tzimtizum*, *Sheviráh* e *Tikún*, abordado por Harold Bloom no livro *Cabala e crítica*, é apenas mais uma possibilidade de interpretação desse romance, que, assim como a sua autora, são enigmas a serem desvendados.

A herança da cultura judaica em Lispector é uma forte justificativa para associarmos a sua escritura a uma tradição interpretativa cabalística. Mas é fato também que Lispector não pode ser considerada essencialmente uma escritora judaica, uma vez que soube muito bem mesclar a sua tradição cultural hebraica ao contexto de sua época. Assim, suas obras apresentam muitos referentes, e *A hora da estrela* não poderia ser diferente, sendo um romance melhor definido como um mosaico intertextual que emite muitas vozes.

Recortar algumas ressonâncias da voz cabalística em *A hora da estrela* constitui apenas mais uma contribuição crítica, dentre as muitas que essa obra literária suscita. Desse modo, numa perspectiva mais secularizada de análise, investigar a especulação de Lispector sobre o tema da cosmogonia em *A hora da estrela* é, sobretudo, indagar a sua escritura, que é um dos meios pelo qual ela se faz representar no mundo. A ruptura dos vasos é, de acordo com a Cabala luriânica, a compensação dos pavimentos, um novo começo e um desafio para repensar as estruturas que nós igualamos com a nossa própria vida civilizada. É, em suma, uma erupção do caos no coração de nosso ser espiritual, conceitual, moral e psicológico. Talvez a figura patética de Macabéa seja a forma mais próxima do silêncio dissimulado que a autora de *A hora da estrela* poderia imaginar. Macabéa, nessa visão, se torna o inumano que pouco se manifesta em nós e que, na perspectiva do romance, seria a diferença cunhada no coração da semelhança. Uma imagem criada a partir de uma escritura literária que parece se ausentar para significar aquilo que ainda não foi dito.

É nesse espaço do porvir dos sentidos que a mística luriânica se torna um tipo de operador de leitura viável para a percepção das miradas especulativas de Lispector sobre o princípio e o fim do universo narrativo da novela, inspiradas em temas cosmogônicos e ontológicos. Esse operador de leitura, nesta análise, foi caracterizado pelas metáforas cabalísticas que nesta novela podem ser percebidas configuradas pela imagem de contração do autor-narrador, pelos desvios linguísticos geradores de possibilidades de sentidos e pela impossibilidade de liberação dos significados aprisionados pelas palavras.

Para encerrar esta análise, em que narrativas cosmogônicas cabalísticas servem de referências metafórico-interpretativas para discutir a potencialidade de criação e redenção a partir da palavra narrada em *A hora da estrela*, é oportuno retomar uma frase do poeta e pintor inglês William Blake (1757-1827), que defende o fim dos tempos como uma limpeza de percepção e que, neste contexto, contribui metaforicamente para a conclusão desta análise: "Erro é criado. Verdade é eterna. Erro, ou criação, será queimado, e, em seguida, e não até então, verdade ou eternidade aparecerá" (BLAKE, 1969, p. 617).²

***Katya Queiroz Alencar** é Professora na Universidade Estadual de Montes Claros/ UNIMONTES/MG e integrante do Comitê de análise de projetos em Literatura do Departamento de Comunicação e Letras da UNIMONTES. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF/MG pela defesa da dissertação intitulada *Mito e paródia em A hora da estrela: ressonâncias de tradições secularizadas*.

Notas

¹ SOUZA, Carlos Mendes de Souza. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. Minho: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000, p. 164.

² Texto original: "Error is Created; Truth is Eternal. Error or Creation will be Burned Up, & then & not till then Truth or Eternity will appear". Tradução de Rodrigo de Lélis. Esta citação foi retirada de texto em que Blake comenta a sua pintura intitulada *A Vision of the Last Judgment* (Uma visão do Juízo Final); texto este inserido no livro *Complete Writings with Variant Readings*, publicado nos Estados Unidos pela Oxford University Press em 1969.

Referências

- BLAKE, William. *A Vision of the Last Judgment*. In _____. *Readings*. EUA: Oxford University Press, 1969.
- BLOOM, Harold. *Cabala e crítica*. Trad. Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HALDEMAN, Susan. *The Slayers of Moses: The emergence of Rabbinic interpretation in Modern Literary Theory*. Albany: State University of New York Press, 1982.
- VIERA, Nelson H. Clarice Lispector: a Jewish impulse and a prophecy of difference. In: _____. *Jewish voices in Brazilian literature: a prophetic discourse of alterity*. Gainesville: University Press of Florida, 1995, p. 100-150.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 1981.
- MOSER, Benjamin. *Clarice*. São Paulo: Cosacnaify, 2009.
- OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. *A tradição interpretativa de rabinos e cabalistas, a crítica literária e a tradução*. 2000. 226f. Tese (doutorado em Letras: Estudos Literários – Literatura comparada). Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SOUZA, Carlos Mendes de Souza. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. Minho: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000, p. 164.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.